

Lionel Terray

3º IV (A0/VIIc) E2 D2, 180 metros

Localização: Pedra Bonita, Face Sudoeste, Rio de Janeiro - RJ

Conquistadores: Salomyth Fernandes, Raimundo Luiz Minchetti e Alice Maryan, em 17/10/1965

Vias clássicas do CERJ

Julho de 2025

A Lionel Terray é uma via tradicional que faz cume na Pedra Bonita e que tem umas das mais belas vistas da cidade do Rio de Janeiro, já que sua linha está exatamente em frente à Cabeça do Imperador, fornecendo uma visão privilegiada da Pedra da Gávea, da Praia de São Conrado e da Barra da Tijuca. Como uma verdadeira escalada de aventura, a via exige uma grande diversidade de técnicas: oposição em diedros, caminhadas, artificial e aderência, permitindo ainda o uso de proteções móveis em vários pontos. Seu nome é uma homenagem ao famoso montanhista francês de mesmo nome, falecido um mês antes de sua conquista, em 19 de setembro de 1965.

Em 2018, o CERJ fez a reforma da via, removendo algumas intermediações a fim de manter a exposição original da linha e substituindo alguns grampos corroídos por chapeletas PinGo. Foram mantidos, no entanto, os grampos dos lances em artificial, a fim, justamente, de respeitar a técnica usada na conquista.

POR QUE É UMA CLÁSSICA?

A Lionel Terray é considerada uma grande clássica da cidade do Rio de Janeiro, tendo sempre atraído escaladores que apreciam uma verdadeira escalada de aventura. Um de seus méritos está no fato de que a via desenha uma bonita linha em zigue-zague na face sudoeste da Pedra Bonita, exigindo grande diversidade de técnicas de escalada. Além disso, proporciona aos escaladores uma vista espetacular da cidade.

Por fim, é uma via que valoriza o domínio técnico de seus conquistadores, que venceram-na de maneira primorosa, em uma época de poucos equipamentos e muita habilidade. Ainda hoje nos impressiona a visão desses pioneiros ao conquistar a terceira enfiada, gal-



Yvie Barcellos fazendo um dos lances mais bonitos e aéreos da via, o diedro imediatamente antes do artificial. A Lionel Terray, de frente para a Pedra da Gávea, tem umas das vistas mais impressionantes dentre as vias da cidade do Rio de Janeiro.

gando uma parede lisa, grampo a grampo, em uma linha praticamente reta rocha acima. Verdadeiramente, uma grande clássica!

DESCRIÇÃO

A PRIMEIRA ENFIADA começa em um grande diedro protegido por grampos e chapeletas. O primeiro grampo fica logo após um pequeno abaulado e não é visível da base. Caso necessário, o lance pode ser melhorado com proteções móveis. Ao final do diedro, há ainda um pequeno trecho em agarras e em meio à vegetação. A parada é feita em um amplo e confortável platô.

A SEGUNDA E TERCEIRA ENFIADAS começam em uma caminhada de uns 20 metros para a esquerda, em meio à vegetação. O primeiro grampo está bem visível na parede rochosa e a via segue para cima até um diedro, após o qual se deve seguir para a direita por um lance de vara-mato até a parada dupla, bem embaixo de uma grande laca. Após o diedro, é possível visualizar um grampo antigo à esquerda, mas ele está fora da via. Não siga até ele.

A QUARTA ENFIADA segue à direita da grande laca, em um diedro aéreo e bonito, que tem duas chapeletas. Proteções móveis também podem ser usadas. Ao

final do diedro, há uma parada dupla, com um grampo antigo e uma chapeleta. Esse é o início do artificial fixo, que pode ser feito usando-se uma única fita: pisa-se na fita e em seguida no grampo, de modo a alcançar o seguinte. Nesse ponto, há alguns trechos que podem ser feitos em livre com baixa graduação e há outros de aderência normalmente cotados na casa do sétimo grau. Cabe ao guia avaliar cada caso. A parada dupla fica na parede bem na linha da via, em um amplo platô. Seguindo praticamente em linha reta a partir da parada dupla está a variante PANCHO VILLA (4º A1/VIIc E1), que leva até o cume da Pedra Bonita. Se pretende fazer a linha original, não siga por ela.

A QUINTA ENFIADA é mais uma caminhada no estilo vara-mato, dessa vez para a direita. Ao final dessa caminhada, há um platô de terra abaixo de um grande diedro. Existe ali um grampo antigo, meio corroído e torto, e à sua direita uma chapeleta. Ambos são bem visíveis.

A SEXTA ENFIADA começa em oposição no diedro, que é protegido por três grampos, mas que aceita também proteções móveis. O lance a partir do tercei-



Os três conquistadores da Lionel Terray reunidos, em 1958, no Vale do Soberbo: Minchetti (o segundo da esquerda para a direita); Salomyth (ao centro); e Alice Maryan. Os outros dois são Sobral Pinto (primeiro à esquerda) e Gunther Buccheister.

ro grampo normalmente tem bastante vegetação rasteira, de modo que é preciso ir avançando em meio ao capim até um bloco de pedra à esquerda. A parada dupla está acima desse bloco, em um ótimo platô, mas não é visível de baixo.

A SÉTIMA E ÚLTIMA ENFIADA começa em uma curta caminhada até um grande bloco de pedra, à esquerda do qual há uma árvore. O primeiro grampo está acima desse bloco, após um fácil lance de aderência. O último grampo da via fica logo após um lance de aderência cotado em quarto grau. Caso não se queira fazer esse lance, pode-se passar o bloco e seguir caminhando pela trilha de pedras à direita até o cume.

A Lionel Terray não é uma via de graduação alta, mas é exigente fisicamente, sobretudo porque a aproximação é relativamente longa. Leve, portanto, bastante água e alguns lanchinhos e se prepare para passar algumas horas na parede. Além disso, como a maioria das conquistas antigas, tem grampos bastante espaçados, de modo que o guia precisa tomar cuidado com as quedas, que normalmente não são limpas como em uma escalada de parede.

A descida deve ser feita pela trilha de acesso à Pedra Bonita, que leva de volta ao estacionamento próximo à rampa de voo livre. O rapel pela via é possível, mas não recomendado, visto que é demorado e trabalhoso. Sem contar que ainda seria preciso fazer toda a trilha de volta.

EXPEDIENTE

CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO (Biênio 2024-2026)

Presidência: Marcelo Gerson Pessoa de Matos

Vice-Presidência: Miriam Gerber

Secretaria: Anabel Ferreira Vaz e Renata Aguiar

Tesouraria: Mônica Esteves e Carlos Mattos

Diretoria Social: Sandra Maria Rebelo de Almeida e Alexandre Chevitarese

Diretoria Técnica (DT): Carla de Oliveira Romão

Auxiliares da DT: Thiago Gabriel de Araujo

Diretoria de Comunicação: Alexandre Gomes da Costa e Yvie Carolinne Medeiros Barcellos

Diretoria de Ecologia: José Henrique Menescal Fabrício, Bruno Waldman e Roberto Schmidt de Almeida

PROJETO VIAS CLÁSSICAS DO CERJ

Texto: Igor Costa

Croqui: Thaili Conte, sobre esboço de Waldir Júnior, Rafaella Miranda & Alexandre Chevitarese

Agradecimentos: Waldecy Lucena, João Paulo Fortes, Carlos Carrozzino, Marcelo 'Magal' Matos

Lionel Terray - 3º IV (A0/VIIc) E2 D2, 180 metros

Pedra Bonita, Face Sudoeste, Rio de Janeiro – RJ

Conquistadores:

Salomyth Fernandes,
Raimundo Luiz Minchetti
e Alice Fernandes
17/10/1965

Equipamentos:

Corda de 60m
12 costuras
Fitas extras para o artificial
Peças móveis opcionais

Legenda:

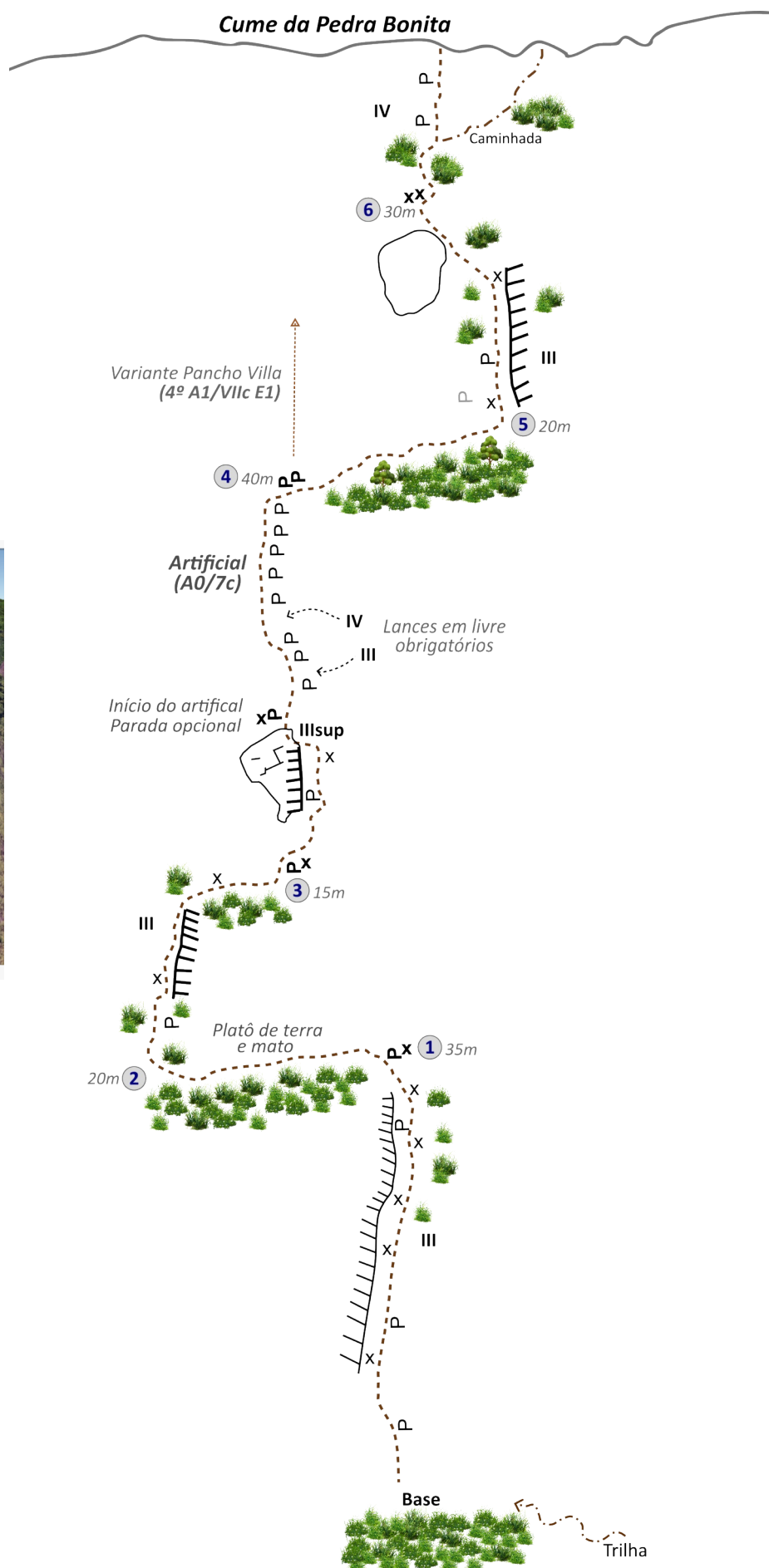
x chapeleta rapelável
□ grampo de aço carbono



LINHA APROXIMADA DA VIA
(SOBRE IMAGEM DO GOOGLE EARTH)



TRACKLOG DE
APROXIMAÇÃO





Matéria jornalística anuncia a conquista da nova via de escalada. Recorte anexado junto ao relatório de conquista. Jornal e data desconhecidos.

APROXIMAÇÃO

À direita da rampa de voo livre da Pedra Bonita, pulando a mureta, existe a entrada de uma trilha. Siga por ela até chegar em uma encruzilhada após uma subida: você verá um caminho para a esquerda, que leva à parede da Pedra da Gávea; uma trilha que segue em frente, descendo de modo íngreme, que leva ao Grotão da Pedra Bonita; e uma trilha bem limpa e demarcada à direita. É essa que leva até a Lionel Terray. Ao final dessa trilha, chega-se a um lance de

VEJA ESSE RELATO DE ESCALADA
CHEIO DE FOTOS RECENTES
DOS TRECHOS DA LIONEL TERRAY



trepa-pedra. A partir de então a trilha não é tão óbvia. Continue subindo até sair da área de floresta e alcançar um costão coberto de capim. A partir de então, já é possível ver a parede da Pedra Bonita. A Lionel Terray começa em um grande diedro, bem visível de longe. Não há uma trilha bem demarcada nesse trecho, de modo que deve-se subir procurando o melhor caminho até a base. Esse trecho, dependendo de como está a vegetação e o clima do dia, pode ser bem cansativo e desgastante. Ao todo, reserve pelo menos uma hora - potencialmente uma hora e meia - para a trilha de aproximação.

USA ELEVADOR QUEM QUER



Alice Fernandes já escalou uma porção de montanhas mas nunca havia escalado um edifício. Ela pertence, há doze anos, ao Clube Excursionista do Rio de Janeiro, que homenageou ontem o IV Centenário, galgando as paredes do Edifício Municipal, na esquina de Evaristo da Veiga com 13 de Maio. Alice é casada com Salamyth Fernandes, guia do clube. Começaram a namorar durante uma escalada à Agulha do Diabo. O grupo de montanhistas realizou a façanha em cinco minutos. Estava integrado por Nelson Bravin Ferreira, José Luis Barbosa da Silva, Etzel Von Stockert, Carlos Alberto Corrozino, Cláudio Vieira de Castro, Alfredo Jakubowski e Alice Fernandes

Alice Maryan, a notável "lagartixa" CERJense, conquistadora da Lionel Terray, participando de demonstração de rapel em edifício na Cinelândia, RJ.
Diário Carioca, 23 de março de 1965.

***A vida nunca é tão doce como
quando corremos o risco de
perdê-la — e, caso corramos
riscos imponderáveis muito
frequentemente, provavelmente
não duraremos muito.***

Lionel Terray, em seu livro

CONQUISTADORES DO INÚTIL.

LIONEL TERRAY (pronuncia-se 'terré'), nascido em Grenoble, França, em 25 de julho 1921 e falecido no Maciço do Vercors, em 19 de setembro de 1965, é considerado um dos maiores alpinistas do Século XX e um dos grandes montanhistas de todos os tempos. Proveniente de uma família de "burgueses abastados", em suas próprias palavras, nunca se adaptou aos estudos e à vida pacata da sua família. Dedicou-se então ao esqui, tornando-se grande instrutor do esporte, tendo inclusive viajado ao Canadá para treinar os esquiadores de lá no "estilo francês".

Além do esqui, foi principalmente guia de montanha em Chamonix, um dos mais requisitados em seu tempo, e participou de inúmeras grandes escaladas da época. Destaque-se, entre seus muitos feitos: a primeira repetição da face norte do EIGER (3.970 m), junto a Louis Lachenal, seu grande parceiro, em 1947; a participação essencial na expedição que fez a primeira conquista de uma montanha de mais de 8 mil metros, o ANNAPURNA (8.091 m), em 1950 – Terray é lembrado por ter aberto mão de fazer cume para que seus companheiros de equipe, Maurice Herzog e Louis Lachenal, pudessem fazê-lo; a primeira ascensão do MONTE FITZ ROY ou CERRO CHALTÉN (3.405 m), em 1952, tendo feito cume em parceria com Guido Magnone; a primeira ascensão do CHOMO LONZO (7.804 m), em 1954, junto a Jean Couzy, como parte da preparação para o ataque ao Makalu, no ano seguinte; a primeira ascensão do MAKALU (8.462 m), em 1955, também junto a Jean Couzy; e a primeira ascensão do NEVADO CHACRARAJU (6.110 m), em 1956.

Essas e muitas outras histórias são contadas pelo próprio Terray em sua autobiografia, CONQUISTADORES DO INÚTIL, eleito pela National Geographic um dos 100 maiores livros de aventuras de todos os tempos.

Em 1956, após uma passagem pela Patagônia Argentina, Lionel Terray visitou o Brasil, apresentando conferências e debatendo filmes de alpinismo. Tendo sido recepcionado pelos diversos clubes em atividade, sobretudo pelo CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO – CEB, à época denominado CENTRO DOS EXCURSIONISTAS, fez escaladas pela cidade, na Serra dos Órgãos e mesmo em Itatiaia.

CONFERENCIA DO ALPINISTA LIONEL TERRAY

Sob o patrocínio do Adido Cultural à Embaixada Francesa, realizar-se-á na próxima segunda-feira, 12, às 18,30 horas, no auditório da "Maison de France", a última conferência do alpinista francês Lionel Terray, notabilizado pelas expedições pioneiras ao Annapuroa e Makalu, e, mais recentemente aos montes Fitz Roy e Huan-santan. Em sua curta estada nesta Capital, o desportista promoveu duas conferências, em francês, exibindo filmes coloridos inéditos (a altitude superiores a 8.500 metros) das regiões do Nepal e Makalu.

A conferência programada para segunda-feira terá dublagem para a língua portuguesa, seguindo-se a projeção de filmes da Cordilheira Branca (Peru), Fitz Roy (Patagônia) e uma descida de esqui, no Monte Branco. Os fundos obtidos com essas conferências e projeções reverterão em favor da Federação Francesa de Alpinismo, para empreendimentos de expedições futuras à cordilheira do Himalaia.

No Rio de Janeiro, tendo por ciclerone o montanhista. Orlando Lacorte, o alpinista visitante percorreu os pontos pitorescos da Cidade, escalando parte da "Chaminé Rio de Janeiro", no Corcovado. Em Teresópolis, visitou o Parque Nacional da Serra dos Órgãos, subindo ao "Nariz de Frade".

RECEPÇÃO NO CENTRO DOS EXCURSIONISTAS

Regressando a Paris, no próximo dia 13, o alpinista Lionel Terray será recepcionado pelo Centro dos Excursionistas, na próxima segunda-feira, às 21 horas, presidindo a banca examinadora das provas orais dos Cursos da Escola de Guias Montanhistas da agremiação, sob a direção do professor Álvaro Rosadas Fernandes. Devido ao mau tempo, deixou de ser prestada a homenagem, na "Aguilha do Diabo", por Lionel Terray ao Centro dos Excursionistas, como prevista.

Correio da Manhã,

10 de novembro de 1956.

RELATÓRIO DE CONQUISTA DO PAREDÃO LIONEL TERRAY

29/06/1964: Início da exploração do paredão situado na face Sul da Pedra Bonita (em frente à Pedra da Gávea). Dito paredão era considerado como um dos problemas de escalada do Rio de Janeiro, devido à sua verticalidade e poucos pontos frágeis para se tentar uma escalada. Nesta primeira exploração verificamos que o paredão era factível de se escalar pelo setor central, onde se notava fendas, diedros e pequenos pontos de apoio. Dotado de 3 "plateaus", regulares em tamanho e interligados por diedros e paredões, sendo que o terceiro e último "plateau", o que leva ao cume da Pedra Bonita, nos parecia, à primeira vista, o mais difícil de atingir, devido à compactibilidade da rocha e por estar cercado de uma espécie de "franja" de vegetação, logo na saída que conduz ao cimo do dito "plateau". Na primeira exploração chegamos somente no primeiro "plateau". Estava acompanhado neste época do montanhista Ajax Alve Correa.

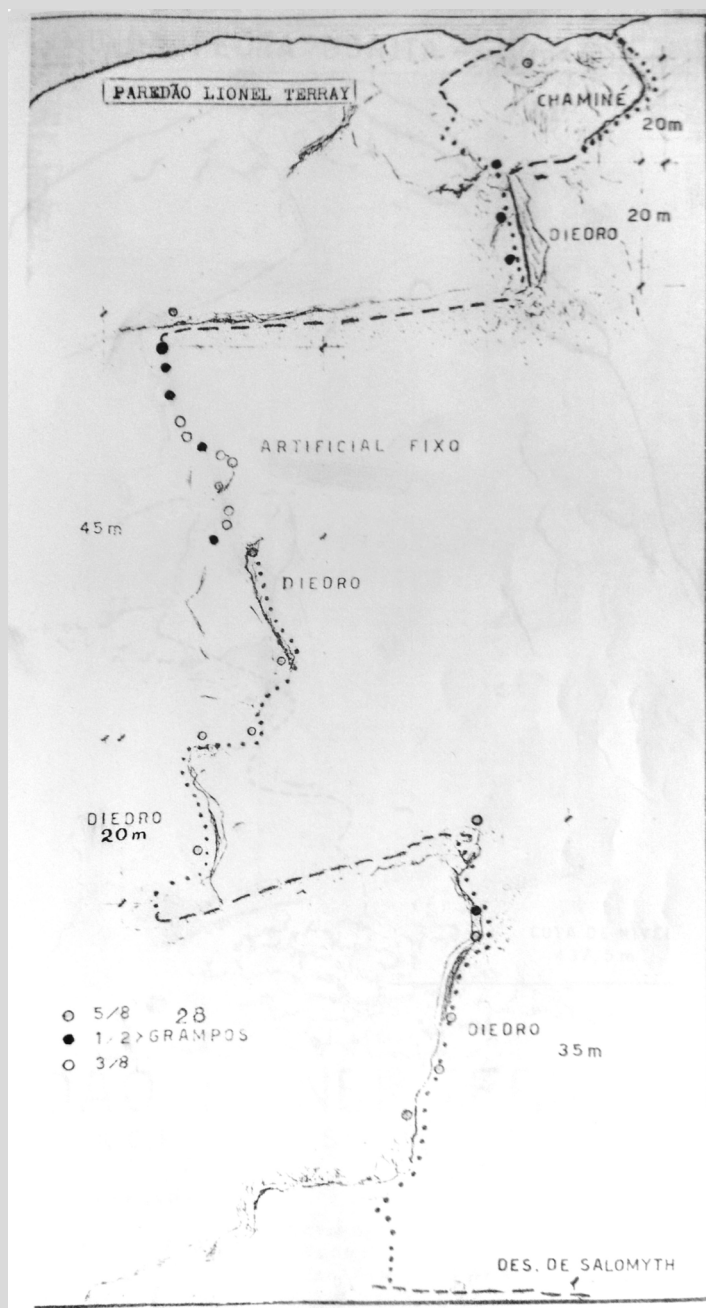
31/07/1965: Início efetivo da conquista do paredão Sul da Pedra Bonita. Após superarmos uma pequena chaminé atingimos o 1º plateau, daí, superamos um pequeno diedro que desemboca no 2º plateau. Neste plateau colocamos um grampo de 5/8", justamente no início de um lance horizontal que acaba num diedro. Devido à instabilidade do tempo voltamos deste ponto. A cordada era composta por mim e Salomyth Fernandes.

14/08/1965: Colocamos o segundo grampo de 5/8" no final do paredão horizontal. Apoiados em 3 pitons de segurança, vencemos este paredão até a entrada de outro diedro. Devido ao mal tempo, também não continuamos, fizemos alguma limpeza, retirando vegetação. A cordada era formada por mim e José Sebastião Lopes da Silva.

28/08/1965: Evitamos nesta investida de atingir o 1º plateau escalando a pequena e úmida chaminé, utilizando uma pequena calha-chaminé que termina em paredão de "agarra". Colocamos outro grampo de 5/8 entre o final desta calha-chaminé e o início do paredão. Logo após fizemos limpeza geral em diversos pontos do paredão,

retirando vegetação instável. A cordada era formada por mim e Salomyth Fernandes.

11/09/1965: Vencemos um lance oblíquo em "agarra" que finaliza num diedro. Foi colocado um grampo de 5/8" na entrada do diedro e um segundo na sua parte superior. Empregou-se duas cunhas de madeira para se escalar o diedro. Este diedro finaliza em paredão compacto e vertical. Praticamente o trecho chave do paredão Sul. Limpamos todo o diedro da vegetação. A cordada era



Primeiro croqui da via, elaborado pelos próprios conquistadores. Na página seguinte, as alterações que foram feitas por eles no desenho final da Lionel Terray.

formada por mim e Salomyth Fernandes.

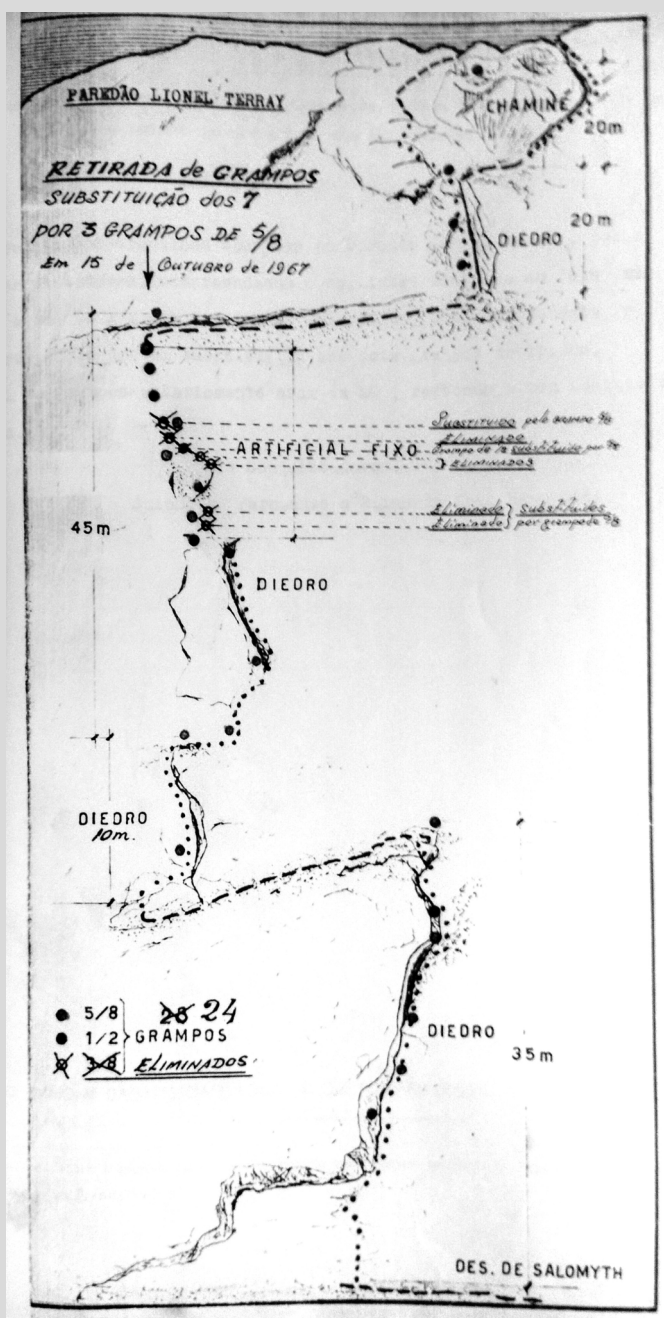
25/09/1965: Nada pudemos fazer, devido ao lamentável esquecimento do martelo e da maceta. Fizemos limpeza e deixamos uma corda de nylon de 51 mts., etc, na parede para facilitar o avanço no dia seguinte. Demarcamos com latas o caminho que leva ao início da escalada. A cordada era formada por mim, Salomyth Fernandes e Alice Fernandes.

26/09/1965: Devido ao tempo instável, apenas escondemos o material técnico no mato e voltamos. Cordada

formada por mim, Salomyth Fernandes e Alice Fernandes.

16/10/1965: Superamos a parte superior do diedro-fissura e saímos num pequeno plateau situado na base do paredão do capim (franja), o qual leva ao último grande plateau (3º) da Pedra Bonita. Utilizamos um piton para sair do diedro-fissura e, apoiados neste piton colocamos um grampo de 1/2", daí avançamos em artificial, empregando dois grampos fixos de 3/8". No plateau base do paredão do capim, colocamos um grampo de 5/8". Voltamos deste ponto, deixando cordas, estribos, etc. para a arrancada final no dia seguinte. Bivaqueamos no "colo" da Ventania. Estava acompanhado por Salomyth Fernandes e Alice Fernandes.

17/10/1965: *Conquista final do paredão Sul da Pedra Bonita.* Superamos o início do paredão do capim em artificial. Foram usados quatro pitons à expansão do tipo Charlet, Cassin e borboleta, apoiados num grampo de 1/2" colocado ao final de um lance horizontal. Após a colocação do último piton à expansão, foi escalado o último lance, com cerca de 20 mts. apoiando-se no capim [ilegível] por vezes [ilegível] atingir-se o ápice do 3º e grande plateau final, colocou-se um grampo de 5/8". Daí, partimos para o cume por lances fáceis, apoiando-se no capim. Chegamos ao cume às 15:15 h. Foi colocado outro grampo de 5/8" abaixo do cume para o guia dar segurança a quem sobe e para apoio de rappel. Na volta fizemos original percurso (*primazia*), pois, após termos escalado a Pedra Bonita pela face Sul, voltamos pela caminhada normal, contornando a Pedra Bonita pelo caminho da Pedra da Gávea até a Chaminé Eli, daí subimos à direita, saindo no colo da Ventania, onde tínhamos bivaqueado. Logo após descíamos para as Furnas, onde chegamos às 19:15 horas. A cordada final estava formada por: Salomyth Fernandes, Alice Fernandes e Raimundo Luiz Minchetti.



Alterações na grampeação, implementadas pelos próprios conquistadores, logo após a conquista, com eliminação, sobretudo, dos grampos de 3/8" e alguns de 5/8".

Histórico Final: Apesar de conquistado, precisávamos ainda de fazer trabalhos técnicos complementares, tais como: preparação dos lances artificiais, limpeza de certas áreas de vegetação, modificação nos lances de escalada, grampeação, pintura dos grampos e abertura da picada para chegar-se ao paredão. (vide gráficos e foto)

23,24/10/1965: Modificação do eixo inicial da escalada, efetuado após trabalhos técnicos no diedro de 35 mts. que conduz diretamente ao primeiro "plateau". Este diedro evita a escalada da pequena calha-chaminé, lance sem muito interesse técnico e que vinha sendo usado para trabalhos de conquista na parte superior do paredão, o qual demandava grande perda de tempo para atingir-se. Foram colocados 4 grampos de 5/8" e um grampo de 1/2" neste diedro, limpou-se também, grande parte da vegetação restando apenas alguma na parte superior. Devido ao forte calor reinante, nada mais resolvemos fazer. A cordada estava composta por mim, Salomyth e Alice Fernandes.

6/11/1965: Colocação de 5 grampos na "franja" de vegetação que desemboca no plateau final. A ordem da colocação dos grampos foi a seguinte: 2 grampos de 3/8" na área sem vegetação e 3 grampos de 1/2" na área com vegetação. Logo após efetuamos a limpeza de vários lances. Éramos neste dia: Salomyth Fernandes e R. L. Minchetti.

7/11/1965: Colocação de 2 grampos de 5/8" e modificação na posição de um grampo de 5/8" no pequeno plateau, donde se inicia a escalada para o paredão da "franja" de vegetação. Fizemos também limpeza geral no diedro inicial da escalada. Éramos: Salomyth Fernandes e Raimundo Luiz Minchetti.

19/11/1965: Fizemos limpeza em um lance de diedro, próximo ao cume. Não colocamos grampo neste lance por estar a rocha algo limosa e barrenta devido à limpeza realizada. Preferimos pois, efetuar estudos para a grameação deste trecho quando ficar completamente limpo e seco. Logo após colocamos um grampo de 1/2", bem na parte superior deste lance, próximo aos dois lances optativos finais (chaminé ou pequeno paredão). Fizemos também, modificações na posição de 2 grampos de 5/8". O primeiro, abaixo do cume, com a finalidade precípua de servir de base para "rappel", foi colocado no plateau de saída da chaminé; o segundo foi retirado do lance formado por uma pequena calha-chaminé finalizando em paredão, sendo colocado após na entrada do diedro que desemboca no "plateau" onde inicia o lance "agarra" horizontal. Colocamos para finalizar, um grampo de 5/8" no diedro inicial da escalada. A cordada estava formada por: Salomyth Fernandes e Minchetti.



Alice Maryan e Salomyth Fernandes, à época casados, durante a conquista da Lionel Terray. Foto anexada ao relatório de conquista da via.

27/11/1965: Com a colocação de 2 grampos de 1/2" no último diedro que forma o penúltimo lance de escalada para se atingir o cume da Pedra Bonita, e com a limpeza posterior deste lance, além da pintura efetuada em 16 grampos, concluímos os trabalhos finais no paredão. Fica apto, pois, a nova via de ser escalada normalmente. Falta somente limpar melhor a picada que conduz ao início da escalada, mesmo assim não há nenhuma dificuldade em chegar-se lá. A última cordada estava formada por: Salomyth Fernandes e R. Luiz Minchetti.

Seguem as assinaturas de

Alice Fernandes,

Raimundo Luiz Minchetti e

Salomyth Fernandes

P.S. aos colaboradores citados no relatório os nossos sinceros agradecimentos.

Homenagem: Em homenagem ao alpinista Lionel Terray, falecido em setembro deste ano, considerado um exemplo de destemor, fibra e coragem, decidimos dar ao paredão conquistado o seu nome.



A última escalada do Salô foi no Coloridos, parede que ele próprio fundara em 1974 com a conquista do Paredão Vermelho.

Em 2002, com 76 anos de idade, de Kichute ressolado por ele próprio e baudrier inteiriço, o lendário Salomyth Fernandes encarou o Paredão Branco, no Coloridos, parede temática que ele próprio inaugurara 28 anos antes com a conquista da Vermelho, em 1974.

Verdadeira sumidade do montanhismo brasileiro, o Salô, como era chamado pelos amigos, foi o conquistador de vias super clássicas, como o PAREDÃO SANTOS DUMONT, no pão de Açúcar; o PAREDÃO EMILIO COMICI, no Irmão Menor de Jacarepaguá; a CHAMINÉ RICCARDO CASSIN, na Pedra do São Pedro, na Serra dos Órgãos; a CHAMINÉ 14 DE JULHO, em Itatiaia; e a própria LIONEL TERRAY, na Pedra Bonita.

Além da escalada, também foi um dos desbravadores da Serra dos Órgãos, junto a Raimundo Minchetti. Abriu, ainda, trilhas hoje super populares, como o CAMINHO DAS ORQUÍDIAS, trajeto que revolucionou o acesso à AGULHA DO DIABO, sua montanha favorita, a qual escalou nada mais nada menos do que 42 vezes; e também é de sua autoria o caminho que leva até os PORTAIS DE HÉRCULES, mirante dos mais espetaculares das montanhas brasileiras.

Nos legou, ainda, um conjunto de desenhos de montanhas e croquis de vias que são verdadeiras obras

de arte – vários dos quais usamos para ilustrar as vias deste projeto – e que ficam expostos na sede do CERJ em uma parede própria, carinhosamente conhecida como o CANTINHO DO SALÔ.

Sua história e seu legado, só por isso, já mereceriam uma página dourada no panteão dos grandes montanhistas brasileiros. Mas o Salô, além de um escalador excepcional, é tido também como um dos montanhistas mais queridos pela comunidade de escaladores cariocas. Seja lá a quem se pergunte, é unânime o sentimento de carinho que se tem por ele.

Apenas para se ter uma ideia, as falas sobre o Salomyth são sempre elogiosas. Para Reynaldo Pires Ferreira, "Salomyth, a essência e a alma do montanhismo e do CERJ." Segundo Mariozinho Richard, "Salô era demais!!! Um touro viciado nas montanhas, coração enorme e recheado de amor. Sempre com alegria contando suas histórias e nos contagiando." E JP Fortes se derrete em saudades ao lembrar o antigo mestre: "Ôh! Saudade... Como eu gostava de escutar as histórias do Salô toda quinta no CERJ."

E mesmo aqueles que não foram do CERJ parecem se render a essa figura inigualável. Flávio Daflon e Delson de Queiroz, em seu GUIA DE ESCALADAS DA URCA (p. 37), ao abordarem a conquista do Paredão Santos Dumont, dizem: "Esta conquista contou com a participação de um dos mais queridos escaladores carioca, Salomith Fernandes..."

Sua memória está eternizada em diversas paredes pelo Brasil. No Morro da Babilônia, na Urca/RJ, foi conquistado, em 1971, o PAREDÃO SALOMYTH – 3º IIIsup E1; e em 1982, foi conquistado o DIEDRO SALOMYTH – 4º IV A1 –, no Dedo de Deus. Além disso, desde 1963, a estreitíssima passagem ao final da CHAMINÉ BRASÍLIA é chamada de BURACO DO SALOMYTH, em virtude do seu esforço hercúleo em passar por ele quando da primeira repetição da via (Veja o INFORMATIVO VIAS CLÁSSICAS DO CERJ sobre a CHAMINÉ BRASÍLIA).

Resgatar a história de suas conquistas e relembrar a sua memória, portanto, é exaltar o legado que Salomyth deixou não apenas para o CERJ e para o Rio de Janeiro, mas para a história do montanhismo brasileiro. História essa repleta de investidas ousadas, vias desafiadoras e muito amor e afeto para com os colegas e amigos da montanha.

